

LINGUAGEM POÉTICA DO INFRAORDINÁRIO PARA A EXPERIÊNCIA EDUCATIVA

Antonio Almeida da Silva¹
PPGE/UEFS
e-mail: almeida.uefs@gmail.com

Jadilson da Silva Souza²
SEC-Ba
e-mail: jadilson.souza2@nova.educacao.ba.gov.br

Resumo

Este trabalho faz parte de uma pesquisa de mestrado, que tem como foco construções das imagens produzidas pelos alunos, dialogando com a captura do ínfimo. Experimentamos outros modos de ver, transver das práticas com a literatura e a produção de imagens e pensamentos, tendo a poesia como possibilidade de *finestra* para um olhar desviante da instrumentalização da linguagem hegemônica no âmbito escolar. Metodologicamente, configurou-se como um trabalho reflexivo e experimental, com elementos advindos da poesia, uma força de ficção/potência estética que pode estar mais ou menos presente na literatura, considerando fortes vínculos pedagógicos com as obras poéticas de Manoel de Barros. Foi imprescindível a leitura de outros textos, que iluminaram as questões ligadas à educação, a saber: “Gestos Educativos pelo Infraordinário” (Perec, 2008), o que permitiu aventurar nas experiências de um trabalho colaborativo que se permite abrir pistas para uma possível captura da linguagem, numa condição ao sensível, sempre aberto ao devir, para engendrar novas inspirações e contribuições, nas potências dos encontros entre a arte poética e à docência contemporânea.

Palavras-chave: cotidiano; produção de imagens; práticas insurgentes em sala de aula.

Nas atividades em sala de aula, como caminhadas, captação de imagens e leitura de poesia, os alunos descobrem a natureza na cidade como parte poética e de experimentação. Inspirados por Manoel de Barros (2007 e 2010), eles desenvolvem um olhar mais atento para os vestígios do natural em ambientes urbanos. A escrita se torna presente em espaços ecológicos e urbanos, criando experiências em movimento.

Isso é nítido nos escritos de Ramos (2014), quando salienta que:

Perec, um raro escritor. Dos mais interessados da literatura atual. Sempre evocando o

¹ Professor Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

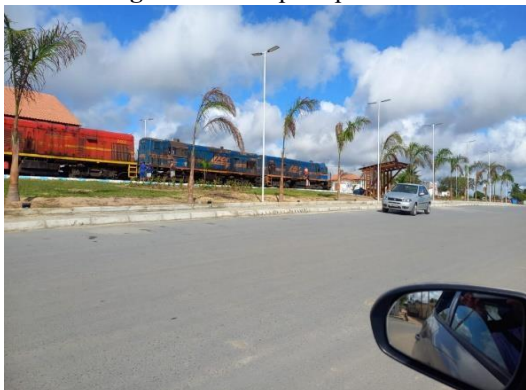
² Licenciado em Letras, com habilitação em língua estrangeira moderna (inglês) e respectivas literaturas. Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

passado, num tom por vezes memorialístico, a saber, com seu cotidiano lhe servindo de matéria-prima não só para seus estudos acerca do método de observação da realidade chamado de “infraordinário”; seu estilo de escrita é bem inusitado, associando-se sempre às experimentações com a linguagem (Ramos, 2014, p. 139).

Esse olhar sobre a natureza e o cotidiano se alinha com as ideias de Georges Perec (1988), que exploram a relação entre o eu e o mundo. A poesia, quando ligada ao cotidiano e aos sentimentos dos alunos, estimula novas experiências fora da escola. É sugerida uma escrita simples que utiliza elementos como folhas e sombras para capturar o cotidiano, similar ao estilo de Perec e Manoel de Barros.

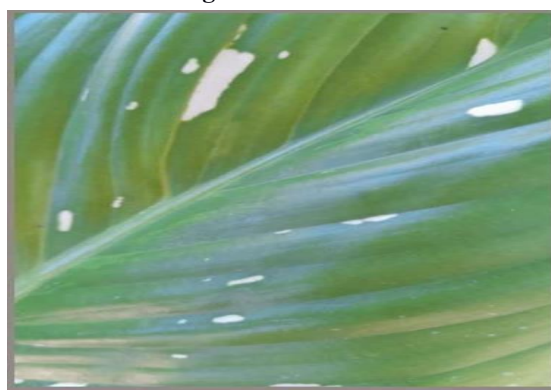
Esses espaços para imaginar e aprender são variados, e escrever se transforma em uma forma de explorar o mundo por meio da imaginação. Um exemplo é usar a câmera do celular para registrar sensações, permitindo perceber o cotidiano e exercitar a apreciação do simples.

Figura 1 - O imperceptível



Fonte: Acervo pessoal do autor (jul. 2023).

Figura 2 - Folha



Fonte: Acervo pessoal do autor (jul. 2023).

É como um retrovisor que nos permite ter diferentes visões, por distintos ângulos, onde se abrem espaços para criar movimentos e estabelecer conexões entre o universo real e o fictício. Entrar em contato com as imagens, seja uma fotografia, uma praça, uma paisagem, um museu e seus objetos, é sempre uma experiência que toca. Ela não só produz arte, como também cria poesia.

Assim, as poéticas infraordinárias criam visualidades e movimentos interfronteiriços em sua superfície”. Um (des)povoamento dos lugares de aprender para imaginar assim uma

potência exploratória e inventiva para com as forças sensoriais, subjetivas e existenciais nas práticas artísticas, científicas e educativas (Silva, 2019, p. 41).

É preciso pensar a imagem não apenas como representação visual, mas como algo que afete e dialogue com o modo como se constrói subjetivamente, enquanto visualidades presentes em nosso cotidiano e que podem interferir na forma como vemos e somos vistos pelo mundo.

Embora nem todas as imagens tenham esse potencial, aquelas que despertam surpresa ou estranhamento nos convidam a sair do automatismo da percepção cotidiana. Nesse percurso, estão as palavras de Gallo (2007, p. 38). O autor afirma que “o cotidiano é sempre abertura de horizonte; espécie de deserto em que os fluxos correm soltos e as diferenças aparecem”.

Nesse universo das possibilidades, os alunos passaram a colecionar ideias, imagens, objetos e acontecimentos, produzindo ressignificações que pudessem gerar certa estética em torno do cotidiano. Este, compreendido como espaço de invenção e produção de sentidos, conforme propõe Nilda Alves (2001), vai além da mera descrição da natureza e se apresenta como campo de práticas e saberes que exploram questões mais profundas relacionadas à existência humana.

Com esse olhar, a poesia incorpora uma linguagem caracterizada pela inventividade e pela liberdade, rumo à experiência do devir, em concepções criativas, acionando outras possibilidades mais coletivas, em um processo imaginativo que, muitas vezes, intriga o leitor e, ao mesmo tempo, convidam-no a refletir profundamente.

Isso é possível quando se aprende a se relacionar com os elementos das coisas do chão, buscando afetos a fim de fazer brotar as palavras que tanto a poesia de Manoel de Barros fertiliza, como afirma Wanessa Cruz:

Manoel de Barros trafega do ordinário ao extraordinário. Praticando uma estética da ordinariedade, o poeta busca a redenção das coisas simples da terra. (Cruz, 2009, p. 122).

Ao trafegarem do ordinário ao extraordinário, os alunos, assim como propõe Georges Perec (1988), passaram a questionar o que está naturalizado em seus percursos diários. Nessa perspectiva, instauraram práticas poéticas mediadas pelos afetos provocados pela obra de Manoel de Barros, cuja estética inspirou a mobilização de um olhar sensível ao ínfimo.

A lógica do experimentar, criar e imaginar ressoa nas palavras do escritor francês

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Georges Perec, especialmente quando ele nos apresenta um cotidiano atravessado por elementos da natureza. Em sua obra, a natureza reverbera nas paisagens, nos jardins, no chão urbanizado, nas cidades e nas culturas cotidianas, espaços todos permeados por traços naturais, muitas vezes ignorados pela pressa do olhar.

Perec lança como proposta o esgotamento do lugar, como meio de experiência e saber, em que se aproxima com a poética de Manoel de Barros, assim como Perec, que também valoriza a natureza. Seguindo o raciocínio de Perec, poderíamos pensar no infraordinário como instrumento para a produção de experiências.

Nesse contexto, esses gestos passaram a ser compreendidos como forças propulsoras para a tessitura de experiências insurgentes, especialmente nos espaços de vivência onde se rompem as fronteiras do previsível e surgem novas formas de perceber, sentir e interagir com o mundo. “[...] percorrem as avenidas, deixam-se levar pela cidade, seguir os passos das multidões, penetrar no jogo das sombras e das frestas.” (Perec, 1988, p. 114).

Dessa forma, interrogar a natureza junto ao cotidiano, como o próprio lugar de escrita, é a mesma coisa que ouvir a voz do poeta. É encontrar as imagens-coisas nos lugares contornados por Georges Perec. Esse romancista, “que nos serve de precursor, constitui uma literatura como fosse um modo de inventariar coisas de nosso dia a dia ao criar uma espécie de arquivo do cotidiano” (Adó; Corazza, 2016, p. 507).

Ainda assim, é possível permanecer suave e atento ao sensível, às coisas pequenas, ao ínfimo (o poeta manoelino nos ensina a olharmos, com mais atenção, para as coisas simples), algo que talvez ressoe em cada um nós. Nessa viagem, pelas imagens, é necessário refletir e conhecer lugares desconhecidos na fronteira do saber. Esse é o saber que capta o experimentar tomado pelo gosto das palavras, pelas trilhas de um possível transver que se arrasta pelo chão, junto às folhas, lagartixa, caracóis, lesma, aves, insetos, palavras e lugares. “O chão é um ensino” (Barros, 2010).

Nossa experimentação possibilitou atravessamentos vivenciados por meio da tessitura de pistas poéticas: experimentações imagéticas realizadas por estudantes do 3º ano do Ensino Médio, em diálogo com a poesia, como espaço para a presença estética que o traduz em reflexões com seus processos criativos, no oferecimento das possibilidades em torno dos

diferentes propósitos dentro das multiplicidades de sentidos, vislumbrando o ato de buscar olhares poéticos dos próprios alunos a partir do que observaram.

Cada escrita inaugura uma experiência e um olhar capazes de recriar o mundo pelo jogo da percepção, abrindo uma “janela” a múltiplos pontos de vista. A construção imagética, situada para além da razão e próxima da imaterialidade, torna-se comunicável e interativa: as imagens autorizam “transver” a natureza, desviar da lógica e inventar outras existências. Nos exercícios com os alunos, o olhar se funde à paisagem, fazendo germinar afetos e modos de pensar; assim, a expressão de afetos — inclusive sobre o “inútil”, constitui um modo de pensar a poesia e de instaurar novas formas de ver, criar e imaginar.

Como afirma Pucheu (2015, p. 286), “Se em tal percurso a poesia passou a ser entendida enquanto “fazer coisas desúteis”, descobrindo, nas coisas, suas “desutilidade[s] poética[s]”, o que nelas serve para “o desuso pessoal de cada um [...]”.

O trecho define provisoriamente “experiência” como travessia poética: um “aparelho de ser inútil” que, ao brincar com palavras, articula prática e pensamento para perceber e produzir o cotidiano.

Nesse encontro, surgiram os exercícios imagético-poéticos realizados pelos estudantes do Ensino Médio como resultado dos experimentos poéticos. As experiências apresentadas não se restringem ao ambiente escolar, mas, também, a transcendência dos limites da sala de aula, influenciando a maneira como nos relacionamos com o cotidiano.

TRANSFAZENDO (em) imersões cotidianas

Figura 1 - Fotografia dos afetos

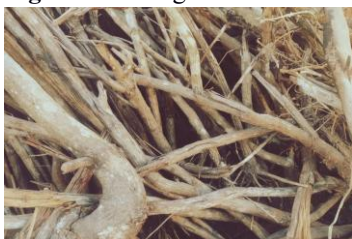


Figura 4 - Casca de fruta

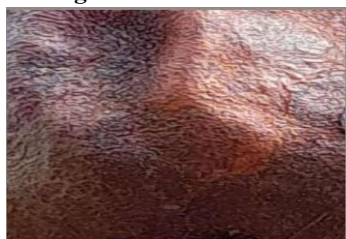
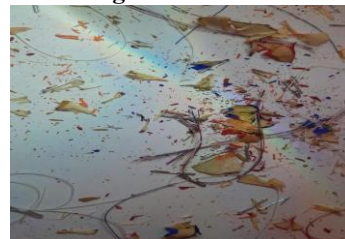


Figura 5 - Rabiscos



Fonte: Produção de um estudante do NEMMAT TI 3 A, como resultado das experimentações estéticas.

Na tessitura da imagem, os alunos se tornaram navegantes do fazer e do refazer, mergulhando na espera e na atenção que precede o imaginário. Dessa imersão, irrompe uma poética do "ser" no próprio fluxo da criação, que se desdobra para além das práticas didáticas pré-concebidas.

A lógica do experimentar, criar e imaginar também ressoa nas palavras do escritor Georges Perec, quando nos fala sobre o cotidiano que reverbera na natureza e atravessa a paisagem, o jardim, o chão urbanizado, o cotidiano, as cidades e suas culturas. Tal percepção é fundante na concepção do escritor.

Figura 6 - Poesia e seus ínfimos



Fonte: Imagem capturada por um estudante do NEMMATI 3 A – agosto de 2023.

O que acontece a cada dia e que sempre retorna, o banal, o cotidiano, o evidente, o comum, o ordinário, o infraordinário, o ruído de fundo, o habitual, como dar conta disso, como interrogá-lo, como descrevê-lo? Interrogar o habitual. Mas justamente, estamos acostumados a ele. Nós não o interrogamos, ele não nos interroga, ele parece não causar problemas, nós o vivemos sem pensar nisso, como se ele não veiculasse nem perguntas nem respostas, como se não fosse portador de qualquer informação (Perec, 2010, p. 179).

Em errância pela poesia ou em espaços tangíveis, a observação e a imaginação se fundem na criação de imagens. A fotografia, por exemplo, captura a paisagem e narra a memória de um lugar, tecendo uma lembrança que não deve se apagar.

Observa-se a descrição sobre algumas possíveis formas de se produzir experiências no âmbito escolar, além de imagens poéticas. Trazem-se, como exemplos, imagens sugeridas em obras literárias, cartões postais, vídeos, filmes, músicas, poemas, desenhos e de acervos digitais. Tudo isso viabiliza ao discente explorar os sentidos espaciais de um lugar, o que permite a elaboração de outros sentidos e experimentações. As imagens apontam a partilha de sensações acerca dos lugares registrados (Rancière, 2005).

A poesia manoelina é como uma janela que se abre para que se possa enxergar a natureza além dos conceitos. Nesse contexto, o poeta escreve: “Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela” (Barros, 2010, p. 187).

O poeta percorre por novos ideais e outras maneiras de enxergar a natureza e a paisagem, a natureza inventiva, que ensina pelos processos da transcendência, desapegada do habitual e do repetido. Nesse aspecto, a natureza contribui para o modo de ver o mundo. As ideias lhe surgem, criando contornos para novas existências do saber. “Acho que a gente deveria dar mais espaço para esse tipo de saber. O saber que tem força de fontes” (Barros, 2007, p. 63).

Nesse aspecto, Krelling salienta: “O poeta Manoel de Barros inspira-me a pensar que talvez seja possível ver o mundo de outras formas, inventar mundos, fugir das representações já tão naturalizadas e, assim, acionar outras possibilidades de experienciá-lo” (Krelling, 2014, p. 56).

Os poetas expandem a imaginação e introduzem uma “poética do deslimite” nas práticas educativas, inspiradas por figuras como Manoel de Barros e Georges Perec. Essa abordagem busca valorizar o que é pequeno e muitas vezes ignorado, reconhecendo a beleza nas coisas cotidianas. A poesia serve como um meio para estimular uma nova estética, permitindo que educadores e alunos vejam além do óbvio. Compreendemos que o trabalho dos docentes na contemporaneidade é cultivar esse olhar sensível, favorecendo experiências estéticas em vez de explicações lógicas. A prática fotográfica complementa essa proposta, funcionando como uma ferramenta que revela detalhes ocultos e transforma a visão do cotidiano

REFERÊNCIAS

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

ADÓ, M.; CORAZZA, S. Sociografia e Educação da Diferença. **Quaestio**, v. 18, n. 2, p. 505-516, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/2702>. Acesso em: 26 dez. 2023.

ALVES, N. **Escritos sobre a experiência**: entre o cotidiano e o currículo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

BARROS, M. de. **Retrato do Artista Quando Coisa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

BARROS, M. de. **Memórias Inventadas para Crianças**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.

CRUZ, W. **A imaginação criadora com Manoel de Barros**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

GALLO, S. Currículo (Entre) imagens e saberes. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, 5, 2007. **Anais** [...]. São Leopoldo: Unisinos, 2007.

KRELLING, A. G. Quando a poesia de Manoel de Barros e o cotidiano escolar encontram-se: Memórias Inventadas de uma pesquisadora brincante. **REMEA**, p. 116-131, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/remea.v31i2.4597>. Acesso em: 22 set. 2023.

PEREC, G. Aproximações do quê? **Alea**, v. 12, n. 1, p. 177-180, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-106X2010000100014>. Acesso em: 05 jan. 2024.

PEREC, H. **Um homem que dorme**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

PUCHEU, A. Manoel de Barros: em que acreditar senão no riso? **Estudos Avançados**, v. 29, n. 85, p. 281-293, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142015008500018>. Acesso em: 09 ago. 2023.

RAMOS, A. Apresentando as partidas: o ordinário e o extraordinário em Georges Perec e Roberto Bolaño. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2005.